



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS REALEZA
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL

FABIANA ELIZA OST

**UM MERGULHO NA ANGÚSTIA DE ÁLVARO DE CAMPOS SOB A ÓTICA
EXISTENCIALISTA DE SØREN KIERKEGAARD**

REALEZA, PARANÁ

2021

FABIANA ELIZA OST

**UM MERGULHO NA ANGÚSTIA DE ÁLVARO DE CAMPOS SOB A ÓTICA
EXISTENCIALISTA DE SØREN KIERKEGAARD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Realeza, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Saulo Gomes Thimóteo

REALEZA, PARANÁ

2021

“A angústia explode no barulho de um silêncio ensurdecedor”

(Emmanuel Carneiro Leão).

“Na angústia reside a infinitude egoísta da possibilidade, que não tenta como uma escolha, mas angustia, insinuante, com sua doce ansiedade.”

(Søren Aabye Kierkegaard).

“Minha dor é velha como um frasco de essência cheio de pó. Minha dor é inútil como uma gaiola numa terra onde não há aves, e minha dor é silenciosa e triste como a parte da praia onde o mar não chega.”

(Fernando Pessoa).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 PESSOA E KIERKEGAARD: NOTAS DE UMA SUBJETIVIDADE A PARTIR DA ANGÚSTIA	8
3 AS FASES POÉTICAS DE ÁLVARO DE CAMPOS	11
4 KIERKEGAARD E SEU CONCEITO DE ANGÚSTIA E DESESPERO	13
5 A LITERALIDADE POÉTICA DA ANGÚSTIA EM CAMPOS	16
6 MEDIAÇÃO DOS CONCEITOS KIERKEGAARDIANOS NA POESIA HETERONÍMICA	22
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

UM MERGULHO NA ANGÚSTIA DE ÁLVARO DE CAMPOS SOB A ÓTICA EXISTENCIALISTA DE SØREN KIERKEGAARD

Fabiana Eliza Ost¹
Saulo Gomes Thimóteo²

RESUMO

O assunto deste artigo será uma análise da poesia de Álvaro de Campos pelo viés filosófico de Kierkegaard sobre o conceito de angústia e desespero humano. O heterônimo criado pelo poeta português Fernando Pessoa, soube demonstrar em seus poemas as facetas e as consequências do pensamento constante sobre a existência. O pensar demais de Pessoa e o sentir excessivo de Campos resultaram em obras repletas de expressões como a angústia e o desespero, sentimentos conceituados pelo filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard em livros como *O Conceito de Angústia* e *O Desespero Humano*. Com o objetivo de estabelecer relação entre a construção poética e os conceitos existencialistas, a presente pesquisa torna-se relevante por colocar em diálogo Literatura e Filosofia, duas matérias essenciais para a construção humana. Ao tratar dessa questão da existência, os principais aspectos do referencial teórico abordam a procura pelo equilíbrio e pela completude interior para a satisfação pessoal e social. Para tanto, a metodologia adotada enfatiza as projeções e imagens poéticas construídas pelo eu lírico na tentativa da busca pela compreensão da existência. Assim, nota-se que a angústia que assola a existência pessoana e transborda na poesia de Álvaro de Campos pode ser consequência de uma aspiração por ideais subjetivos empregados sem o contato com a fé divina que responde e acolhe o indivíduo em sua eterna busca pela integralidade do ser.

Palavras-chave: Filosofia kierkegaardiana. Existencialismo. Heterônimo. Modernismo. Fernando Pessoa.

RESUMEN

El asunto de este artículo será un análisis de la poesía de Álvaro de Campos desde el punto de vista filosófico de Kierkegaard sobre el concepto de angustia y desesperación humana. El heterónimo creado por el poeta portugués Fernando Pessoa, supo demostrar en sus poemas las facetas y las consecuencias del pensamiento constante sobre la existencia. El pensar demasiado de Pessoa y el sentir excesivo de Campos resultaron en obras llenas de expresiones como la angustia y la desesperación, sentimientos conceptualizados por el filósofo danés Søren Kierkegaard en libros como *O conceito de angustia* y *O desespero humano*.

¹ Acadêmica do Curso de Letras - Português e Espanhol - 10ª Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. fabiana_ost@hotmail.com

² Doutor em Letras. Orientador. Professor do Curso de Letras - Português e Espanhol. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. saulo.thimoteo@uffs.edu.br

Con el objetivo de establecer una relación entre la construcción poética y los conceptos existencialistas, la presente investigación se vuelve relevante por poner en diálogo a la Literatura y la Filosofía, dos materias esenciales para la construcción humana. Al abordar esta cuestión de la existencia, los principales aspectos del referencial teórico abordan la búsqueda por el equilibrio y por la integridad interior para la satisfacción personal y social. Para ello, la metodología adoptada hace hincapié las proyecciones e imágenes poéticas construidas por el yo lírico en un intento de búsqueda por la comprensión de la existencia. Así, se nota que la angustia que azota la existencia pessoana y desborda en la poesía de Álvaro de Campos puede ser consecuencia de una aspiración a ideales subjetivos empleados sin contacto con la fe divina que responde y acoge al individuo en su eterna búsqueda por la integralidad del ser.

Palabras-clave: Filosofía kierkegaardiana. Existencialismo. Heterónimo. Modernismo. Fernando Pessoa.

1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo do presente trabalho se constituirá da poesia de Álvaro de Campos, o sensacionista dos heterônimos do maior poeta da língua portuguesa no século XX, Fernando Pessoa (1888–1935). O ortónimo fez sua despersonalização colocando em Campos toda a emoção que quisera sentir, sendo que essa reação desencadeia uma profunda angústia, expressão subjetiva notável na obra do heterónimo. Nessa perspectiva, é possível estabelecer relação com as ideias do dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813–1855), um filósofo pré-existencialista de cunho religioso, que desenvolve suas teorias por meio da concepção de que cada objeto e cada indivíduo se apresenta como um mundo em si, um universo mágico aberto às mais intensas experiências. Tanto Pessoa quanto Kierkegaard vivenciavam indagações correntes do seu momento histórico-social. O poeta português pertencente ao movimento literário do modernismo, e o filósofo considerado o primeiro existencialista, embasaram suas críticas com viés filosófico, tecendo considerações significativas sobre a sociedade pertencente. É a partir desses aspectos que o tipo de enfoque a ser utilizado nesta investigação será de natureza sociológica e psicológica.

A maneira de ver o mundo exterior de maneira introspectiva fez com que essa autoconsciência de Fernando Pessoa requeresse um outro eu, um heterónimo que o ajudasse a “olhar para o mundo sem se enxergar a si próprio entre o objeto da sua

atenção” (KUJAWSKI, 1979, p. 56). E, por essa razão, surge Alberto Caeiro, em posição central no conjunto heteronímico, o mestre do ortônimo e de suas criações mais conhecidas: Ricardo Reis e Álvaro de Campos. O sensacionista Campos é pensado para externar toda a experiência subjetiva, ao ver o mundo da maneira que Pessoa queria e só conseguiu ver ao criar seus outros eus. No entanto, assim como é vívida e pulsante a sua poesia, é também uma busca contínua que nunca se realiza. Nesse sentido, o trabalho psicológico de Kierkegaard vai ao encontro da obra de Campos por estudar as emoções e os sentimentos do indivíduo ao se relacionar com a própria existência por meio de suas ações e escolhas. Portanto, os conceitos de angústia e desespero humano serão necessários para aprofundar a presente pesquisa, norteadas pela questão de como a angústia kierkegaardiana dialoga com a poesia de Álvaro de Campos.

Através desse elemento problematizador, é necessário estabelecer possíveis respostas e soluções por meio dos assuntos a serem discutidos no momento. Na obra *O Conceito de Angústia*, Kierkegaard teoriza sobre a manifestação do sentimento de ansiedade/angústia diante das possibilidades que se sujeitam à “vertigem de liberdade”. O filósofo dinamarquês também utiliza o seu livro *Desespero Humano* para tratar do indivíduo em busca da liberdade de si próprio, que, ao ver-se impotente em destruir o eu, torna-se um indivíduo desesperado. Na outra esfera, a comunicação com o mundo externo por meio das sensações, faz com que Álvaro de Campos veja todas as possibilidades e sinta toda a liberdade para se transcender com o universo, ao mesmo passo em que o angustia e o desespera sentir-se imobilizado frente à realidade de ser ele por si só. Mesmo Campos sendo constituído com uma personalidade, considerando-se em natureza real, outro encaixe de ideias pode ser o de que o próprio Fernando Pessoa, ao se projetar nesse heterônimo tomado de sensações, vivenciasse a própria existência através da exploração dessa angústia.

A importância da presente pesquisa consiste na exploração do legado deixado por um dos maiores poetas da literatura universal. O eu profundo de Fernando Pessoa e seus outros eus, especialmente seu heterônimo Álvaro de Campos, tornam viável o estudo sobre a manifestação do desejo de pluralidade interior, de liberdade concretizada na heteronímia e de conflitos subjetivos de

existência. Quando a insaciável busca de transcendência ao universo vê-se inatingível, surge o sentimento de angústia, o qual embasa o problema central desta investigação, tornando coerente relacioná-lo com as teorias do precursor da Filosofia Existencial, Søren Kierkegaard.

Nesse sentido, a visão do filósofo é a de que o conflito interno do indivíduo associa-se à angústia provocada pela liberdade total de escolhas morais. Quanto ao desespero, para Kierkegaard, tal sentimento decorre da inconsciência da materialidade física, do não conhecimento da condição espiritual própria do eu e da rejeição do eu após sua autoconsciência. A “doença mortal” ganha forma nesse último aspecto, quando o eu que fora refutado se sente incapaz de modificar-se.

Frente a isso, a corrente filosófica desta linha de pesquisa é a do Existencialismo, iniciado no século XIX, tendo como precursor Søren Kierkegaard, o próprio filósofo utilizado para embasar esta pesquisa. O existencialismo defende a questão do individualismo, em que o que é necessário considerar não é a natureza humana, mas a existência do ser através da liberdade de escolhas que utiliza para continuar existindo. Enquanto responsável pelas próprias decisões, e, por isso, enquanto existente, o ser exprime angústia e desespero, elementos constitutivos na busca sempre incompleta de descobrir-se quem se é.

Para este estudo, a contribuição de Kierkegaard será pelas seguintes questões: Os estágios ou modos de existência; o conceito da angústia demonstrada desde seu surgimento na história bíblica de Adão e Eva, pela vertigem de liberdade do “ser-capaz-de”; o conceito e o surgimento do desespero pela incompleta relação que o espírito faz enquanto síntese (corpo, alma e espírito), demonstrado por meio de formas e níveis do desespero se manifestar; e o conceito de desespero como uma “doença mortal” pela impossibilidade de morrer para não ser um eu que não fora o sonhado.

Os conceitos filosóficos brevemente citados serão mobilizados para uma análise de poemas do heterônimo Álvaro de Campos, como “Pecado Original” e “Ali não havia electricidade”, os quais servirão de objeto para o estabelecimento de uma relação que fará conexões com outras leituras críticas sobre o poeta e o filósofo, no sentido de aproximar o conceito da angústia e do desespero. Quanto ao primeiro, a lista dos principais autores que fundamentam o referencial teórico conta com nomes

como Cleonice Berardinelli, Natália Gomes, Carlos Felipe Moisés etc., enquanto o segundo, assim como obras do próprio Kierkegaard, a autora France Farago, que traz contribuições através de seu livro *Compreender Kierkegaard* (2006). Demais escritores de artigos e de outros materiais que foram utilizados para a presente pesquisa podem ser vistos na seção Referências.

2 PESSOA E KIERKEGAARD: NOTAS DE UMA SUBJETIVIDADE A PARTIR DA ANGÚSTIA

A singularidade de Fernando Pessoa desde sempre serviu como base para os mais variados estudos literários. O seu constante exercício de "outrar-se" resultou nos importantes heterônimos criados sob perfis próprios, os quais contribuíram para a manifestação do desejo de mudança na sociedade portuguesa da época. Dessa ideia surge o movimento modernista e a importante revista *Orpheu*, que foi o veículo de comunicação utilizado para a expansão do novo ideal, contando com autores que ficam conhecidos como geração d'*Orpheu*, como o poeta Mário de Sá-Carneiro, o artista Almada-Negreiros, o pintor Guilherme de Santa-Rita e o próprio Fernando Pessoa. O movimento de vanguarda serviu fundamentalmente para a criação das três correntes literárias conhecidas como Paulismo, Interseccionismo e Sensacionismo, emergidas no período de 1913 a 1915 por Pessoa, e que foram de suma importância para a renovação da literatura portuguesa.

A reflexiva poesia de Pessoa vai além da expressão de sentimentos, questionando verdades concretas e valores abstratos. Em *Fernando Pessoa: almojarifado de mitos*, Carlos Felipe Moisés esclarece, ainda, que é "uma poesia que abre caminhos insuspeitados, oferecidos ao anseio comum de avaliar os limites da condição humana e encontrar um sentido firme para a existência, tão mais digna quanto mais lúcida e consciente." (MOISÉS, 2005, p. 13). A intelectualidade, o ceticismo e o relativismo da sua personalidade precisou de uma alma-gêmea com que pudesse extravasar tamanha capacidade de pensamento, eis que se transportou à Álvaro de Campos, pois é este que, segundo o *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*, no verbete "Álvaro de Campos", "[...] dramatiza a permanente angústia de Pessoa de ser simultaneamente dois: o que sente e o que

pensa [...]” (LOPES In: MARTINS, 2010, p. 129). Não é à toa que é o escolhido para tal, pois, conforme colocação na obra *Fernando Pessoa: Outra Vez Te Revejo...*, de Cleonice Berardinelli, “tendo Pessoa ele-mesmo como ponto de origem, Caeiro é o que dele mais se afasta; Campos é o que nele mais se adentra. Caeiro, o mais objetivo; Campos, o mais subjetivo, e, pois, emotivo [...]” (BERARDINELLI, 2004, p. 281). A importância do heterônimo é também descrita por Carlos Felipe Moisés (2005) que induz que ele é a razão decisiva para o conjunto heteronímico.

Søren Kierkegaard, por sua vez, também sofreu com conflitos internos que lhe ocasionaram angústias e impulsionaram estudos a respeito do tema. Tendo uma família rigorosamente religiosa, desde cedo refletiu sobre as tais verdades concretas e valores abstratos pertencentes à civilização dinamarquesa e em geral. Percebeu no pai um estado melancólico ocorrido devido à sucessão de mortes dos filhos, além de carregar o peso da consciência pela maneira atroz em que contraiu matrimônio com a mãe de Søren. Deste último fato, o filósofo carregou por longo tempo uma aversão ao pai, fazendo-o se rebelar contra tudo, até o momento em que encontrou o amor em seu casamento. No entanto, a adoração cristã sempre o fez querer ir mais adiante, vivenciando a fé da maneira mais dolorosa possível ao romper o noivado para se dedicar estritamente ao caminho religioso. No livro *Compreender Kierkegaard*, France Farago expõe que

Em *Temor e tremor*, Kierkegaard vai explicar que a fé não consiste em renunciar a tudo. Uma atitude destas não passa de submissão. Bastam as forças humanas para efetuar esse movimento. Pelo contrário, “tendo a fé, não renuncio a nada. *Pela fé tudo obtenho*. Necessita-se de uma coragem puramente humana para renunciar ao temporário em favor do eterno! Deve-se ter, no entanto, uma coragem paradoxal e humilde para se apossar [...] de tudo o que é temporário [...]”. Aqui está um testemunho direto de Kierkegaard sobre si mesmo: ele “experimentou” a ausência da fé como uma impotência. Mas, no plano da eternidade, considerou-se ligado a Regina até o último suspiro. Neste amor é que ele queria ver metamorfosear-se a sua paixão que, como toda coisa imediata, estava condenada à morte. (FARAGO, 2006, p. 54).

É nesse modo de posicionar-se frente à existência que se torna possível comparar as possibilidades e as restrições experimentadas por ambos os autores, Kierkegaard e Pessoa-Campos. A tradução dos sentimentos de tédio e angústia, presentes em quase todos os poemas de Álvaro de Campos, fora feita pelo filósofo

dinamarquês anos antes da obra pessoana. Os dois foram de suma importância para o conceito de desconstrução do eu universal através de pseudônimos (Johannes de Silentio, Constantin Constantius ou Johannes Climacus, para Kierkegaard) e heterônimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, para Pessoa). No entanto, no verbete “Søren Kierkegaard”, se vê um contraponto às semelhanças:

[...] entre Pessoa e Kierkegaard há uma divergência enorme. Enquanto Kierkegaard foge do tédio ou do vácuo para uma religiosidade entendida como uma «crucifixação do raciocínio», Pessoa escolhe como alternativa uma negação do seu próprio Eu dentro de um imperativo da pluralidade. (DIX In: MARTINS, 2010, p. 386).

Essa visão coincide com a de Luís de Oliveira e Silva, que em seu artigo *Estética e ética em Kierkegaard e Pessoa*, fundamenta que

Kierkegaard consegue objectivar o espírito e viver, apesar do seu desespero, na esperança da salvação. Pessoa é desespero puro, ausência de projecto [...]. Pessoa abraça-se à dúvida; Kierkegaard ajoelha-se aos pés de Cristo. Só a morte lhes há-de permitir a evasão. E a redenção. (SILVA, 1988, p. 272).

Nesse caso, pode ser admitido que a descrição realizada é sobre Álvaro de Campos, e não sobre o ortônimo Fernando Pessoa, pois é o heterônimo que se constrói nessa apresentação. Por meio desses apontamentos se faz viável avaliar a poesia do heterônimo Campos, inferindo sentido nos conceitos kierkegaardianos e fazendo diálogos entre a filosofia e a literatura. Apesar de alguns pesquisadores debaterem quanto ao possível não conhecimento da obra de Kierkegaard por Pessoa, Gabriel Guedes Rossatti cita o escritor e filósofo espanhol Miguel de Unamuno como uma influência na relação entre o dinamarquês e o português, considerando que Pessoa foi leitor de Unamuno, o qual trabalhou com a “[...] construção de uma rede de autores mais ou menos autônomos e diferenciados que estariam no mesmo plano de discurso do próprio autor.” (ROSSATTI, 2005, p. 350), ou seja, a surpreendente criação heteronímica.

3 AS FASES POÉTICAS DE ÁLVARO DE CAMPOS

Um conhecimento inicial sobre a gênese dos heterônimos de Fernando Pessoa é o escrito por ele próprio, datado de 13 de janeiro de 1935, por meio de uma carta a Adolfo Casais Monteiro, em que discorre que desde criança sentiu ser necessário expandir o seu eu criando possíveis heterônimos para a vivência da imaginação. Característica coincidente no período infantil, entretanto, se torna surpreendente notá-la no Pessoa adulto, ao passo que compreensível, enquanto significativa vicissitude psíquica enfrentada antes da eclosão heteronímica, conforme Gilberto de Mello Kujawski discorre em seu livro *Fernando Pessoa, o outro*:

Coincidindo com o lançamento de *Orpheu*, ao final de 1914 e inícios de 1915, Fernando Pessoa atravessava terrível período de crise nervosa. Sem bem-estar nem família, residia a sós num quarto de empréstimo em Lisboa. Tão avesso à sociedade se sentia que, durante dois meses, permaneceu oculto aos amigos mais íntimos [...]. O poeta permanecia inacessível e incomunicável em sua concha de neurastenia. Eram suas célebres “catástrofes nervosas” (KUJAWSKI, 1979, p. 51).

Essa solidude pessoana também foi resultado de outro problema contínuo em sua vida, o de vivê-la a pensar introspectivamente sobre o universo exterior. A partir de seu desdobramento interno pôde vivenciar as coisas da maneira como são, diga-se que de modo mais sensacionista através da personificação em Álvaro de Campos, o qual, em mesma correspondência anterior, Pessoa expressa o surgimento e as características físicas e psicológicas do que vem a ser o “Campos da terceira fase, mais reflexivo e cansado, é um abismo de desalento e melancolia, irmão de Pessoa ortônimo no ceticismo.” (GOMES, 2005, p. 288). Antes dessa fase pessimista, o heterônimo construiu sua poesia no decadentismo português, rendendo a obra “Opiário” (1914) transcrita em trecho abaixo:

E afinal o que quero é fé, é calma,
E não ter estas sensações confusas.
Deus que acabe com isto! Abra as eclusas —
E basta de comédias na minh'alma! (PESSOA, 1980, p. 199).

Nessa fase, Campos se sente entediado, exprimindo um desejo de mudança, novas sensações que vêm a lhe ocorrer na fase modernista, pela qual exalta o

objeto maquinário na civilização moderna assistida. Esse estágio caracteriza-se pela influência do futurismo de Marinetti e pela poesia humanista do norte-americano Walt Whitman. Em consonância com o movimento futurista, transpõe-se nas intensas “Ode Triunfal” (1914) e “Ode Marítima” (1915), em que manifesta toda exaltação ao moderno, enquanto expressa uma inquietação relacionada ao receio das consequências negativas postas em seu meio. Em face dessa segunda fase de Álvaro de Campos, entretanto, Cleonice Berardinelli cita que

[...] foi breve o seu exercício de “engenharia”, quase só limitado às odes sensacionistas dos primeiros quatro anos de sua produção de pouco mais de vinte. Escreveu-as, torrenciais e como que sob o efeito de uma doença de que ele mesmo se confessa contagiado por Whitman [...]. Passada a “doença”, volta ele ao seu natural - abúlico, entediado, só - e assume quase sempre a poesia do adiamento, da irrealização, do sono, do cansaço. (BERARDINELLI, 2004, p. 171).

Surge, então, um Álvaro de Campos angustiado, que, ao que antes ainda possuía o desejo de viver outras sensações, agora tudo lhe cansa e causa repulsa. Se demonstrava intensa excitação pela modernidade, pelo antes, pelo agora e pelo depois, passa a rememorar apenas o seu passado, sentindo saudade da criança que fora, com desgosto pelo homem que se tornou, pois nota que seu espírito não consegue transcender como demonstrava ser de sua necessidade. Em “Passagem das Horas” (1916), o poeta logo enuncia o cansaço frente a sua profunda maneira de “sentir tudo de todas as maneiras”. Inclusive, é a partir desse poema e dos sequenciais, que pode ser notada a nova fase poética do heterônimo.

Essa angústia para com a vida lhe faz exclamar que “a única conclusão é morrer”, enquanto suplica para que lhe deixem sozinho “enquanto tarda o Abismo e o Silêncio”. Com saudade da infância, escreve o poema “Aniversário” (1929), explicitando que vida era àquela do passado, pois a do presente é um nada e a do futuro nem sequer há de pensar, pois conforme revela mais tarde em “Grandes são os Desertos” (1930), têm de “arrumar a mala de ser”, com a vontade de ser “todos os Césares” para fugir da extensa vida que já não vale a pena viver. Em 1935, ano da morte do ortônimo Pessoa, o heterônimo se deixa levar pela extrema angústia, concluindo que não fizera nada da vida.

4 KIERKEGAARD E SEU CONCEITO DE ANGÚSTIA E DESESPERO

O pensamento crítico de Søren Kierkegaard se voltou objetivamente para o superficial exercício do Cristianismo e ao conceito de ser existente. Os valores conservados pela civilização da época fizeram com que o filósofo refletisse quanto à verdadeira fé cristã, convicto do valor da existência e da esperança nos propósitos divinos. Kierkegaard acredita que a vivência cristã deveria passar por um processo, assim como o tornar-se homem, pois de acordo com Luciano da Silva Façanha e Leonardo Silva Sousa, em seu artigo *Angústia e desespero como possibilidade de construção da existência humana a partir da filosofia de Søren Kierkegaard*,

[...] tal como a existência, a vida cristã é um movimento e um exercício contínuo e o Cristianismo, segundo o autor, não pode ser alcançado na multidão, mas no esforço e martírio pessoais do homem em estabelecer uma relação com o Pai-Criador.” (FAÇANHA; SOUSA, 2018, p. 310).

Com a finalidade de dar outro sentido para a existência, o dinamarquês questionou o conceito do filósofo alemão idealista Georg Wilhelm Friedrich Hegel, de “universalismo do ser” - o qual fora influenciado por Immanuel Kant - por entender que cada indivíduo é único e, portanto, deve ser tratado considerando seus contrastes e diferenças individuais. A partir dessa nova maneira de caracterizar o ser, Kierkegaard estabelece três diferentes possibilidades para a sua existência: o *estágio estético*, que é o vivido somente através do prazer imediato para alcançar as sensações desejadas; o *estágio ético*, pelo qual se busca viver segundo leis morais; e o *estágio religioso*, o designado pela fé para encontrar plenitude na relação com Deus. Se o indivíduo escolhe viver no estágio do prazer sensorial, há uma grande possibilidade de sua vida se tornar monótona e vazia, assim como para o estágio em que opta por só seguir deveres morais, pois acaba por renunciar a si mesmo, vivendo para satisfazer vontades alheias. Para o filósofo, só o estágio religioso permite com que o ser se satisfaça consigo próprio e obtenha sentido em sua existência.

A angústia aflige o ser que vive a se suprir só do imediato, do temporal, do finito, pois se espera algo mais da vida, se anseia por algo que seja superior ao

estado em que se encontra o eu. Portanto, assim como há de ocorrer a angústia no vazio, no nada, também se manifesta na vontade de *ser-capaz-de*. Nesse caminho, Søren conceitua a angústia utilizando o pseudônimo *Virgilius Hafniensis* e se apropriando da conhecida história religiosa de Adão e Eva. O teólogo discorre que, no princípio, havia tranquilidade e sossego, vivendo o casal em inocência e sonho. A partir do momento em que Deus os proibiu de comer os frutos da árvore, eles se depararam com possibilidades, então a escolha a optar lhes causou angústia. Esse sentimento atingiu os primogênitos e atinge os indivíduos posteriores como expressão de uma herança do mal no gênero humano.

Para desenvolver a existência, é preciso que se tenha conhecimento sobre o seu eu, ou seja, o seu espírito, e isso só acontecerá se houver a relação entre a síntese corpo-alma-espírito. Se o indivíduo tem consciência sobre o mundo (corpo) e sobre suas vontades e emoções (alma), mas é inconsciente da existência daquele que instituiu o seu eu, lhe há de ocorrer o desespero. A definição de Kierkegaard é a de que “[...] o desespero é precisamente a inconsciência em que os homens estão do seu destino espiritual.” (KIERKEGAARD, 1974, p. 347). O desenvolvimento da síntese é compreendido como uma relação entre *finito e infinito* ou *temporal e eterno*, e *possibilidade e necessidade*. Quanto à primeira dualidade, a sobreposição de um por outro resulta no desespero, conforme descrito por Luciano da Silva Façanha e Leonardo Silva Sousa:

Quando há o *desespero de infinidade* ou a *carência do finito*, o homem perde a finitude e penetra no abismo de seu imaginário e não progride com o *eu*, pois sua existência também é imaginária. No *desespero de finito* ou a *carência do infinito*, o homem considera apenas a vida temporal como sua realidade, estando preso aos ditames dessa vida. (FAÇANHA; SOUSA, 2018, p. 317).

Essa é uma forma do desespero se manifestar, assim como as categorias *possibilidade e necessidade*, que também necessitam de equilíbrio para não resultar em desespero.

Carecer de necessidade, segundo Anti-Climacus, é também carecer de realidade no tocante à manifestação de seu *eu*, pois uma possibilidade deve ganhar determinação. Assim, o homem desespera-se pela *carência de necessidade*. Por outro lado, carecer de possibilidade também leva o desesperado à ruína, pois somente pelo possível um indivíduo pode

realizar-se e conseqüentemente também pôr o *espírito* em movimento. Sem a categoria *do possível*, a existência é inativa, e o existente equipara-se a uma pedra que não pode movimentar-se. (idem, p. 318).

Assim como as possibilidades de manifestação do desespero descritas acima, há também níveis de intensidade. O primeiro é a *inconsciência do desespero*, no qual o indivíduo não tem consciência sobre seu espírito e, então, não vê necessidade em compreendê-lo; o segundo é o *desespero de não querer ser um eu*, quando já se conhece o eu eterno, mas ainda assim o ignora, tentando ser como os outros seres; por fim, o terceiro nível é o *desespero de querer tornar-se um eu*, aquele em que o indivíduo tem consciência e quer concretizar, mas se depara com limitações do seu próprio ser, pois é por meio do poder acima dele que o espírito é desenvolvido, através de Deus o indivíduo conhece o seu eu infinito.

A incapacidade de desenvolver plenamente o espírito faz com que o indivíduo recuse o seu eu. Mediante essa rejeição, o ser humano enfrenta o maior dos desesperos, aquele em que Kierkegaard denomina como a “doença mortal”, pois, “[...] bem longe de dele se morrer, ou de que esse mal acabe com a morte física, a sua tortura, pelo contrário, está em não se poder morrer [...]” (KIERKEGAARD, 1974, p. 341). A solução, antes de tudo, está no que France Farago aponta, em que “somente a união com o infinito, que cabe ao espírito procurar, pode curar a insatisfação da alma causada pelo finito.” (2006, p. 48), ou ainda, o que a autora denomina por Kierkegaard como um segundo parto de si mesmo, por meio do qual o ser encontra a graça de viver.

5 A LITERALIDADE POÉTICA DA ANGÚSTIA EM CAMPOS

A poesia do heterônimo Álvaro de Campos sempre expressou interesse na procura por uma resposta substancial de quem se é. Segundo ele, esse problema de definição está relacionado ao “sentir tudo de todas as maneiras”, no qual estende o seu eu para abarcar tudo e todos e quando volta para si próprio não consegue se identificar. É possível observar isso no poema abaixo, escrito em agosto de 1913, antes do nascimento do heterônimo para Fernando Pessoa, conforme descreve sendo em março de 1914.

Quando olho para mim não me percebo.
 Tenho tanto a mania de sentir
 Que me extravio às vezes ao sair
 Das próprias sensações que eu recebo.

[...]
 Mesmo ante às sensações sou um pouco ateu,
 Nem sei bem se sou eu quem em mim sente. (PESSOA, 2016, p. 160).

Estando Campos sem respostas para a incessante questão, Carlos Felipe Moisés (2005) denota que o desejo do sensacionista é ser aceito e reconhecido pela sociedade, assim mesmo no seu modo complexo de ser, mas quando não consegue estabelecer essa relação entre o Eu-individual e o Eu-social, se rebela (de modo estático) contra todos e busca trilhar seu destino sozinho. O que acontece, porém, é que essa autoafirmação não resulta na sua autoidentidade, então ele focaliza a agressão para si próprio, e ao mesmo tempo em que se flagela, acusa e denuncia a hipocrisia alheia, continuando seu caminho ciente de que a busca pela verdade metafísica lhe acompanhará para sempre em vida. Diante disso, exclama em “Lisbon Revisited” (1923):

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
 Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
 Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
 Assim, como sou, tenham paciência!
 Vão para o diabo sem mim,
 Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
 Para que havemos de ir juntos? (PESSOA, 2016, p. 235).

Para encontrar instantes de paz durante o percurso caótico da existência, Campos abusa da imaginação exaltando símbolos como o Sonho, o Mar e a Noite. Ao buscar o sonho, o poeta deseja que seja levado para outro mundo, um local exterior ao seu eu, em que tudo é possível, assim como o enaltecimento ao mar se relaciona ao sonho e às viagens marítimas que tanto cita em seus poemas. Em seu livro *O sonho e a máscara: Antero de Quental e Fernando Pessoa*, Natália Gomes discorre que “O mar é o espaço onde se projeta o ‘eu’ do poeta e é o caminho por onde navegam as naus à procura da realização inatingível” (GOMES, 2005, p. 153). O heterônimo recorre à noite com o objetivo dela lhe trazer silêncio e consolo, visto

que só ela pode trazer “a alegria dessa esperança triste”. Contudo, todos esses recursos utilizados para a tentativa de fuga da realidade acabam por causar ainda mais melancolia em Álvaro de Campos, pois o levam a um mundo de possibilidades não concretizadas que derivam em descontentamento.

Infeliz com essa realidade pungente, Campos se volta para a Infância, a recordando como uma “eterna verdade vazia e perfeita”, pois o ser criança é ser inocente, ser indiferente à compreensão de tudo e ser feliz com isso. Apesar disso, o desassossego persiste, ainda que Campos escreva em “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra” (1928), que seja “[...] sem propósito, sem nexos, sem consequência, sempre, sempre, sempre, esta angústia excessiva do espírito por coisa nenhuma [...]” (PESSOA, 2016, p. 255 e 256). Tal inquietação é resultado da dolorosa mania de pensar herdada de seu criador, Fernando Pessoa. Ao contrário, se fosse como seu mestre Alberto Caeiro, para o qual dedicou um poema datado em abril de 1928, e citado em trecho a seguir, não chegaria à angustiante conclusão de que não obteve êxito com os ensinamentos que lhe foram oportunizados: “A calma que tinhas, deste-ma, e foi-me inquietação. Libertaste-me, mas o destino humano é ser escravo. Acordaste-me, mas o sentido de ser humano é dormir.” (PESSOA, 2016, p. 254).

O heterônimo se vê fatigado ao ponto de desafiar a morte para acabar com a consciência que o perturba tanto, visto que não consegue encontrar sozinho o sentido para a existência. Talvez seja essa a questão. Ao contestar verdades estabelecidas, o poeta se vê impotente e incapaz de assentar novas verdades dentro de uma reflexão existencial que ele participa automaticamente,

[...] o fluxo do pensamento mais avançado, e mais rebelde, do século XIX, que valoriza o irracional, como em Nietzsche ou Kierkegaard, e lança o embrião do que virá a ser, já no século XX, a filosofia da existência ou o existencialismo, como em Heidegger ou Sartre. (MOISÉS, 2005, p. 103).

A participação com as ideias filosóficas se relaciona com o projeto existencial que Álvaro de Campos institui. No entanto, enquanto a filosofia citada infunde que a resposta é revelada a partir da crença na existência de um ser absoluto, Campos prefere engrenar por bases próprias, as quais só tendem a lhe causar angústia e a

incitar a morte, como é possível analisar através do poema “Se te queres matar, por que não te queres matar?” (1926):

[...]
 De que te serve o teu mundo interior que desconheces?
 Talvez, matando-te, o conheças finalmente...
 Talvez, acabando, começas...
 E de qualquer forma, se te cansa seres,
 Ah, cansa-te nobremente,
 E não cantes, como eu, a vida por bebedeira,
 Não saúdes como eu a morte em literatura! (PESSOA, 2016, p. 236).

Considerando a criação semelhante que o ortônimo Fernando Pessoa fez de Álvaro de Campos, se faz essencial discorrer sobre a crença de ambos em um protótipo pagão. “Protótipo”, pois mesmo que induzem crer em todos os deuses através de uma “incerteza pagã sem alegria”, de maneira mística, é possível que clamem por apenas um, aquele cuja existência o poeta indaga utilizando da razão, admitindo possuir uma “fraqueza cristã sem fé”. Veja-se em verbete “Fernando Pessoa”:

Talvez por causa da sua consciência implacável do caos geral da existência, Pessoa, não obstante a sua mania de duvidar de tudo, acreditava, ou queria acreditar, numa dimensão espiritual. Embora não soubesse o que havia (se havia alguma coisa) por detrás ou para além do que somos e vemos, Pessoa não tinha interesse nenhum em viver como o comum dos homens. Passou a vida inteira buscando a verdade, quando não estava a inventá-la, e esta busca conduziu-o a uma grande variedade de disciplinas e práticas esotéricas. (ZENITH In: MARTINS, 2010, p. 623).

Essa “fé” em um poder superior é demonstrada na obra pessoana e na de seu heterônimo Campos quando reverenciam símbolos como o mar, pelo qual Natália Gomes cita que “A viagem simboliza a vida e a viagem metafísica simboliza a busca do poeta pelo Absoluto. O mar e o sonho são o veículo para encontrá-lo.” (GOMES, 2005, p. 154). Outra contribuição coerente com o motivo da evocação por tais símbolos é a de que

À procura do mito onde não há nada de mítico (sua imaginação é que vê o Mar, a Noite, a Infância etc. sob essa aura especial), Campos está na verdade à procura daquilo que a tradição associa à ideia de Deus, à ideia de uma Fé inabalável. A Noite, o Mar, a Natureza etc. não passam de metáforas por meio das quais o poeta se refere ao vazio deixado pela perda

da crença em Deus, um vazio que ele gostaria de poder preencher com uma nova crença. Mas, e aí voltamos ao ponto de partida, a via racional por ele escolhida não admite a possibilidade da fé, não aceita a existência do absoluto e do imutável, como era a ideia de Deus da crença antiga. (MOISÉS, 2005, p. 116).

Mas o questionamento sobre a existência de Deus é mais forte do que o poeta, fazendo com que ele se sinta dividido entre a fé e a razão, contraditórios caminhos que levam o próprio ortônimo a expressar, no “Primeiro Fausto”, a conclusão de que

[...]
 Crer é morrer; pensar é duvidar.
 A crença é o sono e o sonho do intelecto
 Cansado, exausto, que a sonhar obtém
 Efeitos lúcidos do engano fácil
 Que antepôs a si mesmo mais sentidos,
 Mais vistos que o usual do seu pensar.
 A fé é isto: o pensamento
 A querer enganar-se eternamente,
 Fraco no engano, (...) no desengano,
 Quer na ilusão quer na desilusão. (PESSOA, 1988, p. 163).

Essa lucidez extrema posta em jogos de linguagem e muitas outras questões que permeiam o ser pessoano são fatores que favorecem o desenvolvimento da angústia e do desespero. Cleonice Berardinelli comenta sobre: “No vício de pensar e na ausência de Deus estão as raízes mais profundas da inquietação pessoana. Mas também na consciência da fugacidade e inabilidade da vida [...] e na sensação tantas vezes reafirmada da sua irrealização. (BERARDINELLI, 2004, p. 256). De acordo com o que expõe no trecho abaixo, mas de maneira muito intrínseca, Campos sabe qual a cura para “Esta velha angústia” (1934):

Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer!
 Por exemplo, a por aquele manipanso
 Que havia em casa, lá nessa, trazido de África.
 Era feiíssimo, era grotesco,
 Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê.
 Se eu pudesse crer num manipanso qualquer —
 Júpiter, Jeová, a Humanidade —
 Qualquer serviria,
 Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?
 (PESSOA, 2016, p. 282-3).

O heterônimo só não tem consciência de como chegar a essa sabedoria, ou seja, não sabe como se relacionar com o Deus que ele mesmo refutou. Ao menos aí se manifesta com maior fervor o reconhecimento da falta de crença, sucedido por uma “nova vivência espiritual” em Álvaro de Campos. Em seu livro *Fernando Pessoa: vida, personalidade e génio*, António Quadros (1984) ressalta essa experiência por meio da citação de poemas chaves, como “Demogorgon” (1928) e “Magnificat” (1933), dando ênfase para o poema que principia “Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir”, o qual considera como fundamental para entender toda a obra pessoana.

Na procura para encontrar sentido em sua existência, Campos passou pela fase de indagação de um poder maior, de reconhecimento da falta de fé e de esplendor com o acalento sagrado. No entanto, à medida que aceita e admite que “cada alma é uma escada para Deus”, vê que sua mudança interior fora tardia, pois sente que o tempo lhe foi perdido e nada mais o adiantará em vida, assim exclama que “sua alma partiu-se como um vaso vazio” e que “a sua obra, a sua alma principal e a sua vida são um caco”. Nesse desfecho, os poemas dos últimos anos de existência denotam uma rendição para a morte. O sono, o tédio, a náusea e o cansaço em viver tomam conta de todo o ser, e o poeta escreve em trecho de “Mas eu, em cuja alma se refletem”: “Eu sofro ser eu através disto tudo como ter sede sem ser de água.” (PESSOA, 2016, p. 309). A espera pela morte o permitiu revelar uma loucura que lhe faz “vomitar sem ter comido nada”. E o heterônimo explica, em “O sono que desce sobre mim” (1935), que o sono que para os outros é somente “o sono de dormir”, para ele ganha muito mais significado:

[...]
 É o sono da soma de todas as desilusões,
 É o sono da síntese de todas as desesperanças,
 É o sono de haver mundo comigo lá dentro
 Sem que eu houvesse contribuído em nada para isso.
 (PESSOA, 2016, p. 293).

Não vendo mais prazer em exaltar nada e não tendo mais esperança em vida, Campos também não vê motivo para desesperar, apenas aceita e aguarda o fim de sua existência, pois “não há que fazer nada na véspera de não partir nunca”. Mas a

espera também o angústia, a vontade de dormir eternamente não é a mesma de sossegar durante a noite enquanto espera pelo eterno. Pelo poema “Vilegiatura”, Álvaro de Campos mostra que continua no mesmo círculo vicioso do pensar, e a tentativa de inconsciência fracassa ante às sensações interiores: “Vim aqui para repousar, mas esqueci-me de me deixar lá em casa. Trouxe comigo o espinho essencial de ser consciente, a vaga náusea, a doença incerta, de me sentir.” (PESSOA, 2016, p. 323).

Enquanto permanece nesse estado, sozinho com “o tic-tac estalado das máquinas de escrever”, revisita o seu passado refletindo sobre diferenças cruciais entre a infância e o presente, o que pode ser analisado no poema “Datilografia” (1933):

Temos todos duas vidas:
A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
E que continuamos sonhando, adultos, num substrato de névoa;
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aquela em que acabam por nos meter num caixão.

Na outra não há caixões, nem mortes,
Há só ilustrações de infância:
Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;
Grandes páginas de cores para recordar mais tarde.
Na outra somos nós,
Na outra vivemos;
Nesta morremos, que é o que viver quer dizer;
Neste momento, pela náusea, vivo na outra...
(PESSOA, 2016, p. 280-281).

Infelizmente, as conclusões a que Campos chegou quando finalmente reconheceu e cantou a graça divina, obtiveram um resultado oposto e negativo. É como António Quadros justifica: “Mas como diz a sabedoria antiga, *Quem vê Deus morre!* É no seio da mais deslumbrante luz, que o crepúsculo se gera. O crepúsculo, a sombra, a tempestade, a noite...” (QUADROS, 1984, p. 264). Citando o poema que talvez possa ser considerado o mais conhecido de Álvaro de Campos, “Tabacaria” (1928), nota-se a melancolia com que assume: “Falhei em tudo. Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada” e o desgosto que aparenta sentir por seu eu: “Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta, e cantou a cantiga do Infinito numa capoeira, e ouviu a voz de Deus num poço tapado”. Pouco antes do ortônimo Pessoa morrer, levando com ele

seu heterônimo Campos, o que resta ao poeta é a angústia para com a realidade que resiste e o desespero desse "eu" que se anula.

6 MEDIAÇÃO DOS CONCEITOS KIERKEGAARDIANOS NA POESIA HETERONÍMICA

Álvaro de Campos exprime continuamente o sentimento de angústia e desespero, seja na intensidade da exaltação das sensações, como nas suas primeiras fases poéticas, até no mais encolhido manifesto de tristeza visto na fase final. Carlos Felipe Moisés complementa que

A grande constante, fio condutor dos poemas, é o próprio Eu do poeta, que se expõe, aparentemente sem inibição, registrando os mais variados estados de espírito - da exaltação ao tédio, da indignação ao humor, do enternecimento ao delírio, e assim por diante - [...] (MOISÉS, 2005, p. 89).

Na liberdade de viver todas as sensações, Campos foi se tornando um neurastênico por não transcender o seu eu e, então, sentir-se preso a si próprio, tendo que lidar com o ser cansado, sonolento e angustiado que se tornou. Antes de manifestar o sono, o tédio, a náusea e o cansaço em viver, o poeta demonstrou uma grande histeria para com tudo, tanto como o ortônimo Fernando Pessoa descreve em Carta a Adolfo Casais Monteiro:

Se eu fosse mulher — na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas — cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem — e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia... (PESSOA, 1995, p. 95).

Quanto a essa excessiva emotividade, o filósofo Søren Kierkegaard expõe que o livro bíblico *gênesis* traz a figura da mulher, neste caso Eva, como a indutora de Adão para cometer o pecado. A este respeito, teoriza que a angústia é mais evidente na mulher do que no homem (KIERKEGAARD, 2015). Analisando a questão, vê-se que, quanto maior o grau de histeria, mais a angústia acomete o ser, como pode ser percebido através da intensidade poética do Campos angustiado.

Mas não era esse o objetivo que tinha Fernando Pessoa quando criou esse heterônimo e os demais. Não era sua intenção revelar um ser tão angustiado e desesperado para com a vida. Entretanto, as razões para a criação heteronímica tiveram como consequência uma angústia no próprio ortônimo por não mais conseguir se identificar entre tantas personalidades, como analisado por Leyla Perrone-Moisés no verbete "Doença":

A própria heteronímia, concebida originalmente como um jogo que alcançaria, ao mesmo tempo, o objectivo estético de suprir uma «falta de literatura» em seu país, e o objectivo psicológico pessoal de compensar uma falta de unidade e de coerência, desembocou numa angustiante falta de ser. A heteronímia não curou Pessoa. Pelo contrário, como tudo o mais, ela é suspeita de morbidez. (PERRONE-MOISÉS In: MARTINS, 2010, p. 225).

A possibilidade de criação de seres individualmente capazes de autoconhecimento derivou em uma enfermidade psíquica que Kierkegaard poderia admitir ser devido à falta de fé em Deus. A angústia de Pessoa-Campos pode ser relacionada com a ideia de um “falso paganismo”, pois a tentativa de ignorar a presença de seu espírito fracassa, ao contrário do que o filósofo intermediado por Luís de Oliveira e Silva dispõe:

Kierkegaard caracteriza o verdadeiro paganismo como «ausência de espírito», estado de satisfação onde não existe a angústia visto que não se encontra nele a consciência de carência. O paganismo histórico, anterior ao Cristianismo, é superficialidade, ausência de interioridade. (SILVA, 1988, p. 264).

Na consciência da falta de sentido para a existência e na busca por outras verdades, Fernando Pessoa foi o oposto de superficial, e através de Álvaro de Campos exibiu o que de mais profundo possa ocorrer em pensamento. O problema foi percorrer sozinho um caminho em que poderia contar com a ajuda divina, o que lhe causou um enorme cansaço: “Perante a dolorosa impossibilidade de crer, a que se junta a carência dolorosa de caridade, Campos entrega-se inerme ao niilismo. Mas não ao niilismo satisfeito de Caetano, senão ao niilismo desesperado” (SILVA, 1988, p. 268). É um desespero que tem como princípio o questionamento do sentido da existência, compreendendo a esfera metafísica, social e humana de Deus.

Através dessa perspectiva, em sua obra literária *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*, Jostein Gaarder contribui com o apontamento de Kierkegaard de que a fé é o instrumento para saciar essa questão existencial:

[...] Diante dessa dúvida, cada pessoa fica completamente só, porque de questões de tamanha importância só podemos nos aproximar através da fé individual. As coisas que podemos descobrir por meio da razão são, segundo Kierkegaard, totalmente irrelevantes. (GAARDER, 2012, p. 411).

Quando Campos alcança o reconhecimento da falta de fé, pelo poema sem título abaixo, se vê obrigado a admitir toda a sua pequenez em não se portar em vida como um ser altruísta:

Ali não havia electricidade.
 Por isso foi à luz de uma vela mortiça
 Que li, inserto na cama,
 O que estava à mão para ler —
 A Bíblia, em português, porque (coisa curiosa!), eram protestantes.
 E reli a “Primeira Epístola aos Coríntios”.
 Em torno de mim o sossego excessivo das noites de província
 Fazia um grande barulho ao contrário,
 Dava-me uma tendência do choro para a desolação.
 A Primeira Epístola aos Coríntios...
 Reli-a à luz de uma vela subitamente antiquíssima,
 E um grande mar de emoção chorava dentro de mim...
 Sou nada...
 Sou uma ficção...
 Que ando eu a querer de mim ou de tudo neste mundo?
 “Se eu não tivesse a caridade.”
 E a soberana voz manda, do alto dos séculos,
 A grande mensagem com que a alma fica livre...
 “Se eu não tivesse a caridade...”
 Meu Deus, e eu que não tenho a caridade!...
 (PESSOA, 2016, p. 288 e 289).

Tal composição poética, datada em 20 de dezembro de 1934, confessa o desconsolo do poeta ao ler, no capítulo 13 da epístola de Paulo, a instrução de que “mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada.” (CORÍNTIOS I, 13, 2). Campos percebe que de nada valem suas tentativas individuais de descoberta do sentido da existência, pois o que sente e o que vive não correspondem ao que apregoa Paulo. A afirmação de que “as profecias desaparecerão, o dom das línguas cessará, o dom da ciência findará. A

nossa ciência é parcial, a nossa profecia é imperfeita” (idem, 13, 8-9), revela ao heterônimo que só restará a caridade, a qual jamais acabará. Dito isso, Álvaro de Campos questiona-se sobre o que será dele, que nem a caridade possui, visto que “por ora subsistem a fé, a esperança e a caridade - as três. Porém, a maior delas é a caridade.” (idem, 13, 13).

Se o significado de caridade é amor a Deus e ao próximo, António Quadros ainda aduz que “A primeira e essencial inaptidão de Fernando Pessoa, é para sair de si próprio, é para ensaiar uma intimidade com outrem (masculina ou feminina), é para fundir-se ou confundir-se com um ente alheio.” (QUADROS, 1984, p. 181). Álvaro de Campos, como peça no jogo heteronímico, fará precisamente esse lance de reconhecer-se como inapto para buscar a intimidade com o outro.

Antes de reconhecida a falta de fé e desenvolvida uma vitalidade religiosa, Campos viveu uma “ânsia vertiginosa de ultrapassar o universo”, em que quis ser capaz de ir além de seus limites para expandir o seu eu. Então, além da resposta para a questão de quem realmente é, procurava “[...] o *real* efetivamente concretizado e o *virtual* das suas potencialidades. [...] Enquanto poder-ser, enquanto virtualidade e potencialidade, os sonhos são ilimitados [...]” (MOISÉS, 2005, p. 104). Para tais infinitas possibilidades no sonhar, Kierkegaard alertaria sobre a “carência de necessidade”, a qual pode derivar em desespero pela falta de determinação para com a realidade. Explicando sobre o “estágio estético” de existência, o filósofo contribui ainda com a ideia de que “Querendo tudo ao mesmo tempo, nada quer de fato, vagando em um labirinto onde o escolta e o segue o nada que ele pretenderia, no entanto, esconjurar.” (FARAGO, 2006, p. 123).

Contudo, Campos tem a consciência de discernir o sonho da realidade, pois ao mesmo passo em que se dispersa em imaginações, no poema “Tabacaria” anuncia a desagradável realidade lhe trazendo de volta: “Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da cama; mas acordamos e ele é opaco, levantamo-nos e ele é alheio, saímos de casa e ele é a terra inteira, mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.” (PESSOA, 2016, p. 245). Essa percepção faz com que o heterônimo sobreponha, então, a necessidade ao possível, pois nota que nada do que sonhou foi findado, rendendo-lhe a culpa e o desgosto por ter se distanciado da sua presente realidade. Agora pode ser dito que o que faltou a

Campos foi o que Kierkegaard chamou de “carência de possibilidade”, fazendo com que o poeta perca a vontade de se fazer existente. Natália Gomes incentiva a função do sonho para Álvaro de Campos, explicando que “[...] o sonho é a força mágica que manterá o homem vivo e construirá a verdadeira vida: a da substância humanamente eterna.” (GOMES, 2005, p. 148 e 149).

Duvidando das suas potencialidades, o sensacionista continua indagando, também, o poder de Deus diante da existência humana. No poema “A Casa Branca Nau Preta” (1916), exprime-se a tristeza de ter de achar uma maneira de viver “deixando os sonhos no chão”. Não sentindo uma presença suprema que lhe auxilie nesta questão, o poeta conclui, portanto, que “[...] é sempre melhor o impreciso que embala do que o certo que basta, porque o que basta acaba onde basta, e onde acaba não basta, e nada que se pareça com isto devia ser o sentido da vida... (PESSOA, 2016, p. 232). Mas Campos segue seu destino sem necessariamente chegar a uma conclusão, mais para ter o que buscar, ter razões para continuar existindo. Jostein Gaarder se apropria das ideias de Kierkegaard para fundamentar que

A existência do indivíduo é o que conta. E as pessoas não vivem sua própria existência sentadas atrás de uma escrivaninha. É quando agimos, e especialmente quando fazemos as escolhas mais relevantes, que nos relacionamos com nossa própria existência. (GAARDER, 2012, p. 410).

Entretanto, o poeta ainda se depara com limitações como a falta de infinito, a carência do eterno, demonstrando no poema “Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que as outras”, que vive angustiado na banalidade do temporal: “Eu nunca acharei que a vida é bastante. Faltar-me-á sempre qualquer coisa, sobrar-me-á sempre de que desejar, como um palco deserto.” (PESSOA, 2016, p. 303 e 304). Em parágrafo completo exposto abaixo, France Farago interpreta o que o filósofo pré-existencialista argumenta de que a fé é o elemento primordial para alcançar a infinitude:

Ao mesmo tempo ser-no-mundo (imane) e ser-superior-ao-mundo (transcendente), o sujeito existente é uma consciência que progride na descoberta crescente de sua verdade e que tenta encarná-la, dar-lhe carne. Deste modo, *existir é simultaneamente devir e ser*. Por este motivo a existência exige a fé que não é, no fundo, senão uma progressiva

apreensão da eternidade através do tempo. A fé, diz Kierkegaard, seguindo a Hegel, *é a certeza interior que antecipa a infinitude*. A fé não implica nenhuma fuga do mundo para refugiar-se em uma subjetividade exaltada, mas esforço para descobrir *o sentido da existência*, isto é, para viver uma *vida com sentido*, ou seja, ontologicamente bem orientada, uma vez que a questão do sentido constitui um desafio filosófico que designa ao pensamento uma outra ambição, que não é o simples conhecimento. (FARAGO, 2006, p. 90).

Essa outra ambição kierkegaardiana de crença no Absoluto, pode ter feito com que Pessoa-Campos progrida um passo em seu “estágio de existência”, um esforço que os outros heterônimos - Alberto Caeiro e Ricardo Reis - não quiseram enfrentar ao repousarem em filosofias da Antiguidade grega como o epicurismo e o estoicismo. Assimilando a primeira doutrina para o estágio estético de Kierkegaard, devido à valorização de aparências e impulsos sentimentais, e a segunda para o estágio ético em que se vive a partir de mandamentos, Luís de Oliveira e Silva aponta que “Pessoa debate-se simultaneamente no estágio estético e no ético. [...] A morte, oculta em Caeiro e Reis pelo cânon epicurista, ganha relevo. E surge a consciência ontológica da culpa: o pecado de ser sem conseguir SER.” (SILVA, 1988, p. 270). Apesar da consciência de uma necessária progressão, o estágio religioso não é alcançado pelo heterônimo Álvaro de Campos.

Com os problemas longe de acabar, a angústia pessoana assume uma posição superior que tende ao desespero pela infelicidade em ser quem se é. “O medo da loucura, que sempre o torturou [...], a necessidade de uma crença e o desgosto por ter de viver são sentimentos que se vão tornando um quadro surrealista pintado com tintas diluídas em pranto [...]” (GOMES, 2005, p. 304). Então, no fim da linha dessa vida sem sentido, Álvaro de Campos espera pela morte com um sono de viver que o faz ter ainda mais saudade da infância. Assim admite estar em “Adiamento” (1928): “Hoje quero dormir, redigirei amanhã... Por hoje qual é o espectáculo que me repetiria a infância?” (PESSOA, 2016, p. 251). Em contrapartida, o filósofo novamente recorre ao modo de existência estético para fundamentar, por intermédio de France Farago, que “Como tem a lembrança à sua frente, o esteta não pode conhecer a esperança e perde o sentido da vida. Por isso se vê condenado ao tédio, esta 'eternidade sem gozo'.” (FARAGO, 2006, p. 122).

O heterônimo tem consciência de seu desespero, haja vista que sempre viveu com a instabilidade de seu espírito, assim como quis realizar plenamente o seu eu. Aqui Kierkegaard poderia estabelecer relação através dos níveis de intensidade do desespero, podendo encaixar Campos no que definiu como “desespero de querer tornar-se um eu”. O conhecimento da impotência pelo desenvolvimento do espírito sem a relação com Deus, pode estar presente no poema “Pecado Original”, de 1933, transcrito inteiramente abaixo:

Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?
Será essa, se alguém a escrever,
A verdadeira história da humanidade.

O que há é só o mundo verdadeiro, não é nós, só o mundo;
O que não há somos nós, e a verdade está aí.

Sou quem falhei ser.
Somos todos quem nos supusemos.
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.

Que é daquela nossa verdade — o sonho à janela da infância?
Que é daquela nossa certeza — o propósito à mesa de depois?

Medito, a cabeça curvada contra as mãos sobrepostas
Sobre o parapeito alto da janela de sacada,
Sentado de lado numa cadeira, depois de jantar.

Que é da minha realidade, que só tenho a vida?
Que é de mim, que sou só quem existo?

Quantos Césares fui!

Na alma, e com alguma verdade;
Na imaginação, e com alguma justiça;
Na inteligência, e com alguma razão —
Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! —
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui! (PESSOA, 2016, p. 279).

Na afirmação de que “o que há é só o mundo verdadeiro, não é nós, só o mundo”, o poeta evidencia que a existência humana, em sua concepção, é só um mero complemento de presença no espaço. As vontades e as ações dos seres dependem de um poder além do que possam materializar. Essa dependência faz reagir no heterônimo, em versos como “Que é daquela nossa verdade — o sonho à janela da infância? Que é daquela nossa certeza — o propósito à mesa de depois?”,

uma indagação sobre o porquê de só se ter verdades e certezas na infância e nas imaginações. A realidade de uma vida sem sentido lhe faz temer no apontamento “que é de mim, que sou só quem existo?”, pois não há nada que o faça ter vontade de sentir todas as coisas, assim como chega a conclusão de que ele mesmo não é nada.

De acordo com *O Desespero Humano* de Kierkegaard, “[...] quando o ambicioso que diz *Ser César ou nada* não consegue ser César, desespera. [...] é por não se ter tornado César que ele já não suporta ser ele próprio.” (KIERKEGAARD, 1974, p. 342). Portanto, enquanto Álvaro de Campos quer se libertar de si mesmo, mas sente impotência em fazer a conexão entre querer e fazer, entre o pensamento e a ação, entre a vontade e o ato, Kierkegaard explica tal expressão como uma “doença mortal”, pois se conseguisse ser alguém, como um “César” que supôs ser, não se sentiria desesperado. Esse “desespero de querer tornar-se um eu” que instintivamente se transforma em uma enfermidade pelo eu incapaz de morrer, assim como no poema acima, é refletido, também, em “Ah, perante esta única realidade, que é o mistério”:

Minha inteligência tornou-se um coração cheio de pavor,
E é com minhas ideias que tremo, com a minha consciência de mim,
Com a substância essencial do meu ser abstrato
Que sufoco de incompreensível,
Que me esmago de ultratranscendente,
E deste medo, desta angústia, deste perigo do ultra-ser,
Não se pode fugir, não se pode fugir, não se pode fugir!

Cárcere do Ser, não há libertação de ti?
Cárcere de pensar, não há libertação de ti?

Ah, não, nenhuma — nem morte, nem vida, nem Deus!
[...] (PESSOA, 2016, p. 299 e 300).

O heterônimo não toma consciência de sua materialidade física e quer se difundir com o infinito, mas dessa pré-síntese do corpo e da alma, a espiritualidade do eu não lhe é conhecida, resultando, pois, na rejeição de si próprio. Relacionando com as ideias e a realidade de vida do filósofo, torna-se possível dizer que, se Campos atingisse o modo religioso de existência a partir da ferramenta da fé,

conheceria a si mesmo e sentiria a realização de seu eu que tanto lhe é inconsciente e longínquo.

Em desfecho, os termos kierkegaardianos de angústia e desespero puderam ser evidenciados na poesia de Álvaro de Campos através da angústia carente de objeto, pela qual se pode ver uma relação do eu do poeta com o mundo; da angústia como descoberta de poder, em que o seu eu pôde se relacionar com o sentimento enfrentado; e do desespero de ser sem conseguir ser, por meio do qual o espírito tentou conectar-se com o porvir.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante conhecer o eu profundo de Fernando Pessoa e as suas circunstâncias, as quais em momento de extrema solidão e tristeza revelaram importantes criações para o poeta, os conhecidos heterônimos, que com suas independentes personalidades, tornaram possível a realização de uma poesia objetiva fundamentada em ideais subjetivos e revolucionários. Curiosa, ainda, a questão de que, diferentemente de Alberto Caeiro e de Ricardo Reis, Fernando Pessoa criou um Álvaro de Campos que mais se assemelha ao seu eu, um heterônimo pensado para externar todas as sensações que Pessoa ele-mesmo não expressaria com a mesma intensidade. Isso devido ao contínuo e conturbado pensamento de indagar o sentido de tudo para encontrar satisfação com a própria existência.

O ideal do heterônimo Campos é viver pelas sensações, poder sentir todo o mundo para tentar sentir-se completo interiormente. Todavia, essa concepção do sensacionista corre o risco de desembocar em sentimentos como a angústia e o desespero, pois quanto mais se sinta, mais a alma tende a sofrer. Foi o que ocorreu com o heterônimo, que viveu tão intensamente suas emoções que chegou ao seu limite. Não se reconheceu mais e não mais acreditou em suas potencialidades. Admitiu que lhe faltava em que crer sem saber o que seria. Quando presenciou, viu que era tarde demais. Na busca por respostas, descobriu que desde o princípio elas estavam ali, acessíveis aos que confiam cegamente no divino, no Absoluto, em Deus, embora ele não consiga demonstrar plenamente tal confiança, pois, ao seu

ver, seria uma questão impossível, deixando-o num conflito insolúvel passível de uma angústia arraigada e um desespero manifestado várias vezes em vida.

Neste presente artigo, é o filósofo pré-existencialista que revela caminhos possíveis de desvendar a máscara de Álvaro de Campos. Søren Kierkegaard conceitua a angústia e o desespero que assolam a existência de Fernando Pessoa e se apresentam significativamente nos poemas de Álvaro de Campos. O dinamarquês expõe sobre o nada como objeto da angústia e também sobre a vertigem de liberdade que se percebe por meio das angustiantes possibilidades em ser-capaz-de. Conjuntamente, teoriza sobre três estágios de existência, a dualidade entre finito e infinito e possibilidade e necessidade para o desenvolvimento do espírito, e níveis de intensidade na manifestação do desespero. Kierkegaard evidencia a contribuição do desespero para a construção da existência humana, enquanto o eu desconstruído de Pessoa-Campos, fatigado pelas expressões tão carregadas negativamente, dá espaço para o estabelecimento de uma relação entre Literatura e Filosofia.

REFERÊNCIAS

BERARDINELLI, Cleonice. **Fernando Pessoa: Outra Vez Te Revejo...** Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.

CORÍNTIOS I. In: **BÍBLIA Sagrada**. 70. ed. Tradução: Monges de Maredsous. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007.

FARAGO, France; ALVES, Ephraim. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FAÇANHA, Luciano da Silva; SOUSA, Leonardo Silva. Angústia e desespero como possibilidade de construção da existência humana a partir da filosofia de Sören Kierkegaard. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 23, n. 2, p. 307-324, 2018.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOMES, Natália. **O sonho e a máscara: Antero de Quental e Fernando Pessoa**. São Paulo: Scortecci, 2005.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. Coleção Os Pensadores, vol. 31. 1. ed. **São Paulo: Abril Cultural**, 1974.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **Fernando Pessoa, o outro**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **1º Ciclo de Conferências - "Kierkegaard, apóstolo da existência"**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KbEQxPHjaas>>. Acesso em: 07 jul. 2020.

MARTINS, Fernando Cabral. **Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português**. São Paulo: Leya, 2010.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Fernando Pessoa: almoxarifado de mitos**. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

PESSOA, Fernando. **Arquivo Pessoa**. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: O eu profundo e os outros eus**. Seleção poética. 24. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PESSOA, Fernando. **Obra em prosa**. São Paulo: Nova Aguilar, 1995.

PESSOA, Fernando. **Obra poética de Fernando Pessoa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

QUADROS, António. **Fernando Pessoa: vida, personalidade e génio; seguido de Heteronímia e alquimia, ou Do espírito da terra ao espírito da verdade**. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

ROSSATTI, Gabriel Guedes. Unamuno entre Pessoa e Kierkegaard. **Filosofia Unisinos**, v. 6, n. 3, p. 347-351, 2005.

SILVA, Luís de Oliveira e. Estética e ética em Kierkegaard e Pessoa. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, p. 261-272, 1988.